

Um acordo de cavalheiros

07 SET 1990

CARLOS CHAGAS

Ao iniciar sua campanha para senador pelo Amapá, esta semana, o ex-presidente José Sarney comentou ter vencido a primeira batalha. Os jornalistas entenderam que ele se referia à superação das dificuldades na Justiça Eleitoral, mas Sarney explicou que não. Já não se preocupava mais com as impugnações. Sua primeira vitória estava na impossibilidade de os próprios repórteres terem extraído dele declarações de crítica sobre o governo Fernando Collor.

“Saltei todos os alçapões e vocês não conseguirão me fazer escorregar em nenhuma casca de banana”, respondeu, encerrando o assunto.

Não deixa de ser singular essa postura, uma estrada que parece dispor de mão e contramão. Porque se Sarney recusa atacar Collor, a recíproca também é verdadeira. Ou alguém deixou de perceber que praticamente desde a sua posse o atual Presidente bate muito mais na tecla do futuro e do presente do que na do passado?

Trata-se de uma estratégia singular, incomum abaixo da linha do Equador. Mesmo lá em cima, de quando em quando, assiste-se ao governo que entra conduzir seus primeiros meses jogando pedras no governo que saiu. O próprio Sarney não se furtou, aqui, nos primeiros anos de seu governo, a acionar baterias contra os governos militares. Muito sutilmente e dentro de seu estilo, é claro.

Pois Collor, nem isso. Se alguns de seus ministros, em especial na área econômica, referem-se ao passado como fonte das perturbações do presente, é coisa bissexta. E ele, pessoalmente, nem pensar.

Sarney agora paga na mesma moeda, no bom sentido. Não criticou e nem criticará o Governo atual, a menos, é claro, que venha a ser espicaçado.

Eleito senador pelo Amapá, o ex-presidente poderá esperar um período tranquilo no Congresso, onde pontificaria como alguém dotado de maior experiência do que seus pares, e, por isso, apenas, reverenciado? Jamais. Ele sabe que se o governo Collor não o provocará, nem por isso levas e levas de deputados e senadores deixarão de estar com suas espingardas assestadas sobre sua cabeça. Muita gente com falta de outras condições para aparecer, aparece malhando o adversário. No Senado, e também nas sessões conjuntas do Congresso, não faltarão parlamentares para interpelá-lo, até de forma grosseira. Está preparado para isso, pessoalmente e através de um grupo de ex-ministros e colaboradores que, a ser eleito com ele, se encarregarão dos primeiros embates. O general-comandante dessa pequena tropa será o ex-ministro da Justiça, Saulo Ramos, é claro, se eleito deputado por São Paulo. Não parece difícil.

É interessante ver como as coisas mudam, às vezes mais depressa do que as nuvens. Sarney era presidente, de início popularíssimo, poderoso, depois enfraquecido pelo desgaste de diversas tentativas frustradas de conter a inflação. Mesmo assim, mantinha nas mãos o **Diário Oficial**, instrumento bastante para calar muitas bocas. Collor, naquele período, arriscava posições distintas e conflitantes do poder central, como governador de Alagoas. Lançado candidato, declarou guerra ao Palácio do Planalto e elegeu-se por polarizar a insatisfação geral contra Sarney. Eleito, porém, mudou de curso. Visitou o então presidente duas vezes, uma em segredo, outra ostensivamente, obteve dele a nomeação antecipada do presidente e de diretores do Banco Central e, a partir de então, silenciou. Tomara que essa constitua uma prática permanente, a partir de agora, porque nada mais lamentável do que assistir a roupa suja lavada em público.